



GT 51. Historiografia das antropologias: práticas, teorias, métodos, histórias

Coordenador(es):

Peter Schröder (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

Christiano Key Tambascia (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

A antropologia vem experimentando nas últimas décadas uma renovação do interesse pela sua história. No âmbito dessa retomada, livros, artigos e painéis em congressos vêm discutindo essa disciplina do Renascimento em diante, se confrontando com questões como a formação e instituição da etnografia e da antropologia, as bases filosóficas de suas epistemologias, a constituição de tradições nacionais e genealogias alternativas às narrativas mainstream, bem como com práticas de campo, métodos e teorias, além da relação entre o fazer etnográfico e as relações de poder. Unem-se, à historiografia da antropologia praticada por pensadores bem estabelecidos em universidades, aquelas acerca de profissionais com vínculos institucionais frágeis, intermitentes ou inexistentes, naturalistas, missionários e etnógrafos amadores. Museus e sociedades científicas vêm tendo sua atuação repensadas; além de interpretações e pesquisas bibliográficas, arquivos e memórias são sujeitos a novas análises. O GT busca contribuir para a historiografia das antropologias praticadas no Brasil e em outros contextos nacionais e transnacionais. O painel se situa num campo interdisciplinar, entre história, antropologia e historiografia das ciências, e está aberto a contribuições que enfocam estudos de caso ou das tradições nacionais e transnacionais, estudos biográficos ou arquivísticos, análises de teorias e métodos e ainda reflexões sobre métodos em historiografia das antropologias.

História da Antropologia no Brasil: Contribuições de Gonçalves Dias para a etnografia na Amazônia

Autoria: Elieyd Sousa de Menezes (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Este artigo propõe uma reflexão sobre as contribuições de Gonçalves Dias para a etnografia na Amazônia, sobretudo a partir do material produzido no âmbito da Expedição da comissão científica de exploração do Império organizada pelo IHGB, da qual foi coordenador da seção etnográfica e responsável pelas narrativas da viagem na expedição. Entre 1861 e 1862, o autor conhecido como poeta do indianismo, tendência do Romantismo, realizou uma viagem para proceder ao relatório sobre a situação escolar e econômica no rio Solimões e navegou o Rio Negro até São Gabriel da Cachoeira, com o intuito de descrever sobre os povos indígenas e catalogar sua cultura material, que seriam enviadas à Corte para serem exibidos em exposições públicas, como a Exposição Universal de 1862 em Londres e a Exposição Nacional ocorrida em 1861 no Rio de Janeiro. As descrições etnográficas de Gonçalves Dias publicadas em seus relatórios de viagens e cartas pessoais, além de relatórios de presidente de província e jornais locais da época demonstram certo acuro no que tange à observação e descrição da diversidade linguística dos povos do alto rio Negro, à economia e cultura material, como vestimentas, instrumentos musicais, remos, ornamentos rituais, dentre outros. Assim sendo, no âmbito de uma história da Antropologia no Brasil é oportuno discutir os interesses e relações de poder envolvidos na referida expedição e perceber as descrições etnográficas de Gonçalves Dias como contribuição para formação de coleções que ajudaram a pensar a antropologia como ciência, praticadas inicialmente a partir dos museus.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: